

**EDITORIAL | VOL. 12 – Nº 1 – ANO 2014****RETRATO**

*Eu não tinha esse rosto de hoje  
assim calmo, assim triste, assim magro,  
nem estes olhos tão vazios,  
nem o lábio amargo.*

*Eu não tinha estas mãos sem força,  
tão paradas e frias e mortas;  
eu não tinha este coração  
que nem se mostra.*

*Eu não dei por esta mudança,  
tão simples, tão certa, tão fácil:  
- Em que espelho ficou perdida  
a minha face?*

MEIRELES, Cecília. *Cecília de bolso: uma antologia poética*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

Os dois editoriais anteriores foram autênticos “retratos” do trabalho da Revista *Habitus*. Esse não será igual, apesar do título insinuar ou prenunciar isso. Não cansemos nossos leitores com eternos *ritornellos*. É verdade que uma das lições elementares da escrita acadêmica é que o título precisa sintetizar o conteúdo do texto. O título é feito uma carta de apresentação. Mas esse editorial não é igual aos dois anteriores porque não é um retrato do que fomos ou do que somos, mas do que seremos. Se no editorial da primeira edição de 2013 celebramos, em edição comemorativa dos dez anos, nosso passado, e no da segunda edição examinamos o presente, agora é hora de dizer: olhemos para o futuro.

Olhar para o futuro é reconhecer serenamente que a *Habitus* já cumpriu o papel inicial almejado por seus idealizadores, e que precisamos avançar mais. Não é porque somos uma produção de graduandos para - em princípio- graduandos, que iremos nos “auto-alijar” das inovações que ocorrem no campo editorial. Não. Tal qual os jovens que foram às ruas em junho do ano passado- exatamente há um ano atrás- temos que ensinar novas mudanças. Nós, que somos jovens. Sempre. Admitindo os inevitáveis percalços de ir além da atividade semifábrica descrita no último editorial, é necessário alavancar a pós-fábrica. Para aprimorar nosso papel, não podemos nos deixar reduzir a um objeto heteróclito no campo editorial, sob pena de tornar a revista obsoleta, ultrapassada, desnecessária, inútil.

Afinal, revistas existem aos milhares. Por meio de um tour no Portal de Periódicos da Capes\*, pode-se ter acesso a uma infinidade de periódicos de altíssima qualidade, indexados; a bases fantásticas com todo tipo de informação: de todas as áreas de conhecimento, de diversos países do globo. Sem falar naquelas que não estão no portal, ou porque não atendem os requisitos de qualidade e relevância, ou por outras razões quaisquer... É verdade: revistas existem aos milhares...

A *Habitus* precisa, portanto, continuar demonstrando que é uma revista necessária. Nesse cenário, revela-se particularmente crucial o investimento ao aprimoramento. Esse deve ser o nosso princípio inegociável. É próprio da lógica do campo editorial, como de tantos outros da sociedade moderna, a inovação, a transformação. Estancar é extremamente deletério. E isso nós não podemos nos permitir. Ser integrante do nosso comitê é tomar pra si essa tarefa. E isso todos nós sempre soubemos fazer. “*E me fui fazendo teu, e te fui fazendo minha*”\*\*, *Habitus*, poderia um de nós assim dizer, plagiando o verso do poeta uruguaio.

O retrato dessa outra década tem de ser diferente do retrato da década anterior. E será. Quer a gente queira, ou não. Afinal, como nos escrevia e nos espantava Cecília Meireles, a mudança é “*tão simples, tão certa, e tão fácil*”. Mas, diferente do *retrato retratado* por Meireles, em 2023 a *Habitus* terá um rosto alegre, os olhos cheios e o lábio doce. Não que sejamos videntes para antever o futuro. O nosso retrato será assim porque é isso que queremos ver no próximo *retrato retratado*. E temos que trabalhar para tanto.

Nesse novo bloco de dez anos que se inaugura com essa edição, apresentamos os seguintes trabalhos:

No artigo “[Mulheres da Paz: um estudo sobre as noções de empoderamento no contexto do investimento social](#)”, Brena Machado e Thamires Silva buscam compreender a noção de “empoderamento” contida naquilo que apontam como “perspectiva do investimento social”, por meio da análise do programa Mulheres da Paz.

A partir da problematização do consumo enquanto dispositivo de distinção e ainda de agregação de identidades sociais, Felipe Eduardo Braga traz o artigo “[Retórica Distintiva do Funk Ostentação](#)”, fundado nas teses de Veblen e nos escritos de Mary Douglas.

No artigo “[O sistema burocrático e o funcionário público: um estudo sobre as principais características deste personagem no âmbito burocrático](#)”, Luísa Dezopi busca identificar os principais atributos do funcionário público no mecanismo burocrático, tendo como foco de análise as obras centrais de Max Weber.

Em “[O Nascituro enquanto ator: a agência do Projeto de Lei 478/2007](#)”, Ricardo Braga apresenta uma análise do debate legal sobre o aborto e o estatuto do nascituro no Brasil. Essa análise se dá a partir da Sociologia da Ciência e da Teoria Ator-Rede de Bruno Latour.

Camilo Alvarenga nos apresenta no artigo “[Fundamentos teóricos e metodológicos em Norbert Elias e Pierre Bordieu para uma socioestética do modernismo no Brasil](#)”, uma proposta metodológica de leitura da arte brasileira produzida durante o movimento modernista.

Para isso, defende que há uma relação entre obra de arte, tendências estéticas de época e artista como mediador entre as condições de produção e de recepção da arte. O estudo é baseado no método sócio-histórico biográfico de Norbert Elias e nos estudos de Pierre Bourdieu sobre a constituição da arte nas sociedades burguesas.

No artigo “O espaço ambiental e suas diferentes formas de apropriação: Um estudo a partir das relações de poder”, Yohanan Barros aborda o conceito de "racismo ambiental" mostrando, sob uma perspectiva econômica, que o conceito de racismo transcende as discussões sobre cor da pele."

Em “Teatro da agressão: a guerrilha artística ‘combativa e combatida’ na obra de José Celso Martinez Correa”, Arthur Fontgaland Gomes e Máira Pereira da Costa fazem uma análise da leitura que a dramaturgia dos anos 1960 fez do contexto político da época, através do foco na obra de Zé Celso.

A participação das mulheres na política é o mote do artigo "Da Exclusão à Presidência da República: avanços e obstáculos à participação efetiva das mulheres na política brasileira". Aline Campelo Lopes Bandeira analisa a atuação do movimento feminista no processo de luta e conquista das mulheres ao direito de participação e representação política no Brasil. Acentua também os obstáculos que ainda impedem a atuação política das mulheres na conjuntura atual.

A resenha de Bruna Andrade sobre o livro “Antropologia da Viagem – Escravos e libertos em Minas Gerais no Século XIX” de autoria da antropóloga brasileira Ilka Boaventura Leite versa sobre as representações, ideias e imagens que os viajantes europeus presentes em Minas Gerais no período do século XIX, tiveram sobre os negros.

Para essa edição trazemos uma conversa entre dois professores da UFRJ sobre o momento político que vivemos no Brasil, desde as jornadas de junho, com especial foco para a cidade do Rio de Janeiro. Em “Academia e Política”, Bruno de Vasconcelos Cardoso, professor do Departamento de Sociologia, e Wallace dos Santos Moraes, professor do Departamento de Ciência Política, fazem uma análise da conjuntura atual, apontando algumas situações e temas que surgiram a partir dos movimentos recentes.

Desejamos uma boa leitura! 📖

\*Disponível em [http://periodicos.capes.gov.br/ez91.periodicos.capes.gov.br/index.php?option=com\\_phome](http://periodicos.capes.gov.br/ez91.periodicos.capes.gov.br/index.php?option=com_phome)

\*\* MORALES, Enrique. **Perseguidor de Vidas**. Ed URCAMP: Bagé; RS, 1983.

Comitê Editorial | Revista Habitus – IFCS/UFRJ